

---

## A cartografia geopolítica no rastro do geógrafo-general Karl Haushofer

Ivaldo Gonçalves de Lima

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3264>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.3264

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Referência eletrónica

Ivaldo Gonçalves de Lima, « A cartografia geopolítica no rastro do geógrafo-general Karl Haushofer », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 10 | 2018, posto online no dia 26 dezembro 2018, consultado o 14 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3264> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.3264

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# A cartografia geopolítica no rastro do geógrafo-general Karl Haushofer

Ivaldo Gonçalves de Lima

---

Conventionally, the geographer was represented  
with compasses in hand, in the act of consulting a  
map or globe.  
Denis Cosgrove

## Introdução

- 1 Neste texto, explicitamos aspectos relevantes da produção científica de Karl Haushofer para a geografia e para a geopolítica, visando à contribuição desse geógrafo para a cartografia, nomeadamente, para uma cartografia geopolítica. Para tanto, dividimos o texto em duas seções. A primeira dedica-se à apresentação sintética da presença de Haushofer na história do pensamento político-geográfico. A segunda seção volta-se à sistematização analítica da contribuição desse autor para a cartografia produzida na Alemanha no período entre-guerras.
- 2 Gostaríamos de advertir ao leitor mais exigente que nos escapa qualquer intenção de produzir uma análise aprofundada de cartografia histórica ou explorar análises refinadas de mapas para agregar conhecimento inédito à história da cartografia, como se pode encontrar em referências notórias como Cosgrove (1999) e Harley (2001). Também, nos escapa o fim de analisar conteúdos cartográficos, explorando aspectos tais como hierarquias e silenciamentos de representações, geometrias, simbolismos ou decorações dos produtos selecionados (Pinder, 2003). Nosso objetivo central é explicitar a cartografia geopolítica em seus traços mais marcantes e persistentes, a partir da influência de Karl Haushofer.

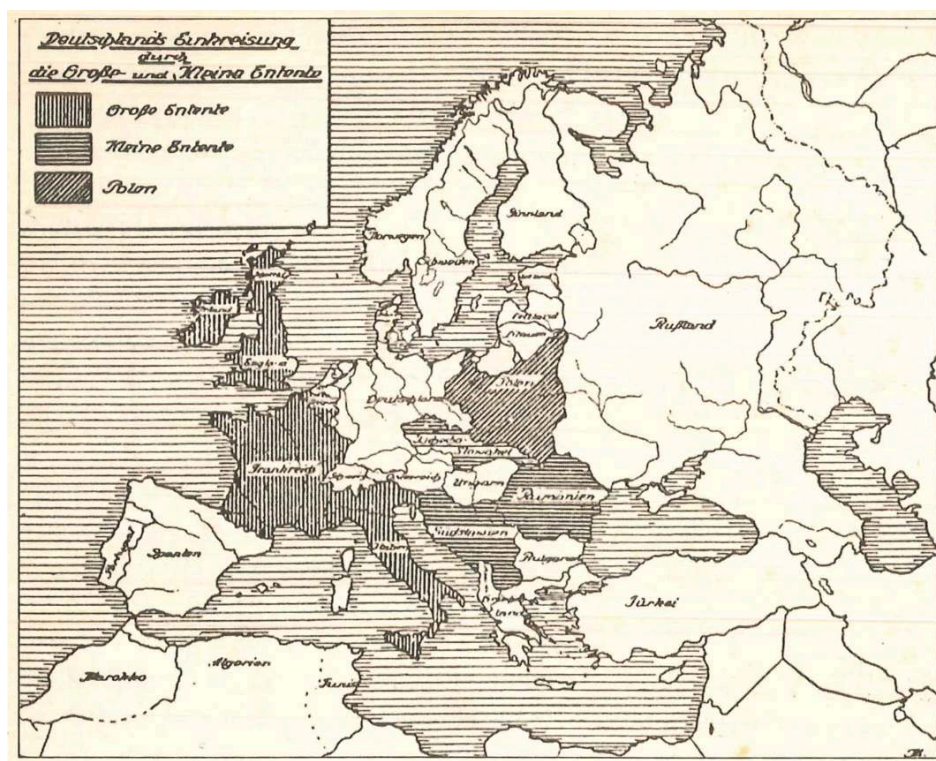
## A pegada geopolítica deixada por Karl Haushofer

- 3 Nesta primeira seção, baseados nos comentários de Heske (1994), Rosenzvaig (2011) e López Trigal (2013), recompilamos dados que revelam a contextualização de Karl Haushofer na história da geografia política e da geopolítica.
- 4 Geógrafo e militar alemão, Karl Ernest Haushofer (1869-1946) nasceu numa família da aristocracia bávara conservadora com talentos literários, artísticos e científicos. Haushofer foi o principal impulsionador da escola de *Geopolitik* desde seu posto docente na Universidade de Munique, cuja porta-voz mais influente foi *Zeitschrift für Geopolitik*, uma revista colocada a serviço da ideologia conservadora e da estratégia militar expansionista, primeiro do pangermanismo e, depois, do III Reich como “potência continental”. Os antecedentes do pensamento de Haushofer estão na filosofia política alemã (identidade nacional) e na tradição geográfica de F. Ratzel e R. Kjellén (a visão do *lebensraum* como espaço vital do povo e a concepção organicista do Estado, além do próprio termo *Geopolitik*), assim como a construção teórica de H. Mackinder. Esteve na Ásia Oriental entre 1908 e 1910, experiência fundamental para a sua carreira de geógrafo e geopolítico. Sua tese doutoral versa sobre a geografia política da Ásia e, em particular, do Japão sobre o qual escreve seu primeiro livro.
- 5 Uma resposta a Versalhes? Como outros contemporâneos seus, Haushofer considerava as condições do Tratado de Versalhes (1919) injusto e humilhante, haja vista a perda de vastas partes do território da Alemanha e de todas as suas colônias. Haushofer atribui ao espaço político a qualidade de “constructo social” dotado de certa forma geométrica, delimitado por fronteiras e com um considerável poder de ação, diferenciando quatro pan-regiões ou grandes espaços integrados de dimensões continentais que teriam o potencial para a autossuficiência econômica – espaços autárquicos –, dotados de um centro e uma periferia ou zona de influência. À semelhança de novos impérios, em cada pan-região se combinavam territórios de países metropolitanos, colonizados e dependentes, com suas coordenadas capitais.
- 6 Por meio de sua estreita relação com o deputado de Hitler, Rudolf Hess, Haushofer teve boas conexões com o Partido Nazista. O geógrafo dedicou especial atenção à defesa, que consistia na “geopolítica militar”, expressão frequentemente intercambiada com “geografia militar”. No final dos anos 1930, Haushofer secundarizou o conceito geopolítico de pan-região e voltou-se para outro. Em 1941, ele argumentou que a mais importante tarefa da época era a construção de um bloco continental da Alemanha, passando pela União Soviética, até o Japão, como um forte contrapeso ao poder global britânico. Esse *heartland* seria construído voluntariamente pelo mútuo acordo entre as três potências. Contudo, a realidade da Segunda Guerra Mundial destruiu o sonho geopolítico de Haushofer com a invasão da URSS pela Alemanha, na Operação *Barbarossa*.
- 7 Essa operação de guerra colocou-se totalmente em oposição aos argumentos de Haushofer pelo acordo mútuo do bloco continental e foi o evento decisivo para a demonstração de que os nazistas usavam a geopolítica como instrumento de propaganda e não como ciência que guiava a sua política. Com a fuga de Hess para a Escócia, em 1941, Haushofer perdera sua melhor conexão e proteção na Alemanha nazista. Em 1942, ele abre mão de seus compromissos oficiais, retirando-se da política para viver seus últimos quatro anos em sua mansão no sul de Munique. Nesta mansão, comete suicídio junto com sua mulher, a semijudia Martha Mayer-Doss, em 1946.

## A geopolítica e o rastro cartográfico do geógrafo-general aristocrata

- 8 Conquanto seja inegável que a geopolítica tenha estado ligada intimamente aos imperialismos contemporâneos, isso não é suficiente para reduzi-la a estes. A geopolítica teria uma história mais antiga e complexa. Segundo o historiador Florian Louis (2014), o primeiro a utilizar a palavra “geopolítica” teria sido G. Leibniz num manuscrito que permaneceu desconhecido até o presente por especialistas da geopolítica. Redigindo em 1679 o plano de uma *Encyclopedia* que ele projetava realizar, Leibniz previa consagrar uma seção ao que ele denominou, inicialmente, de “cosmopolítica”, termo finalmente cancelado para dar lugar a “geopolítica” que ele definia como o estudo da “Terra relativamente ao gênero humano, que compreende a história universal (*Historiam omnem*) e a geografia civil (*Geographiam civilem*)”. A geopolítica leibniziana se apresenta assim como o estudo conjunto da geografia civil (hoje, diríamos geografia humana) e da história universal (atualmente, diríamos, história global). Ela analisa a história do mundo em relação a sua geografia.
- 9 Embora o neologismo geopolítica remonte ao século XVII, acaso levássemos em conta a maioria dos manuais de geografia política, teríamos de admitir que a palavra “geopolítica” fora, senão criada, pelo menos difundida, no extremo final do século XIX sob a pluma do parlamentar sueco conservador e germanófilo Rudolf Johan Kjellén, inspirado pelos trabalhos de geografia política do geógrafo alemão Friedrich Ratzel. De acordo com Holdar (1994:95), a *geopolitik* de Kjellén teve uma resposta fria na Suécia. Uma escola “Kjellén” sueca de ciência política ou de geografia nunca emergiu. Na Suécia, suas ideias foram obliteradas até a sua morte em 1922. Na escola geopolítica alemã, liderada por K. Haushofer, o termo “geopolítica” veio a ser empregado incluindo todas as cinco categorias do sistema discriminado por Kjellén, merecendo, por isso, a crítica do jurista sueco, pois verificava-se uma drástica restrição da compreensão do conceito. Contudo, foi esse termo *geopolitik*, como empregado pelos geógrafos alemães antes da Segunda Guerra, que fez seu nome conhecido na posteridade.
- 10 Naquele final do século XIX, teremos, segundo Raffestin *et al.* (1995) uma situação na qual coincidem a criação do termo “cartógrafo” e a difusão do termo “geopolítica”. Cartografia e geopolítica entrelaçadas: uma cartografia geopolítica? Para os autores, o mapa é simultaneamente imagem e instrumento, ou seja, contém uma dimensão estética e ética ao mesmo tempo. Nesse sentido, o mapa veicula um discurso, um mito; e, no contexto sociopolítico europeu dos anos 1930, era o discurso nacionalista que sobressaía (Figura 1). A cartografia da *Geopolitik* alemã do início do século XX – aqui designada cartografia geopolítica – apresentou marcas indeléveis, sobretudo aquelas contidas nos mapas produzidos no âmbito da *Zeitschrift für Geopolitik*. E, mais influentemente, nos mapas elaborados por Karl Haushofer.

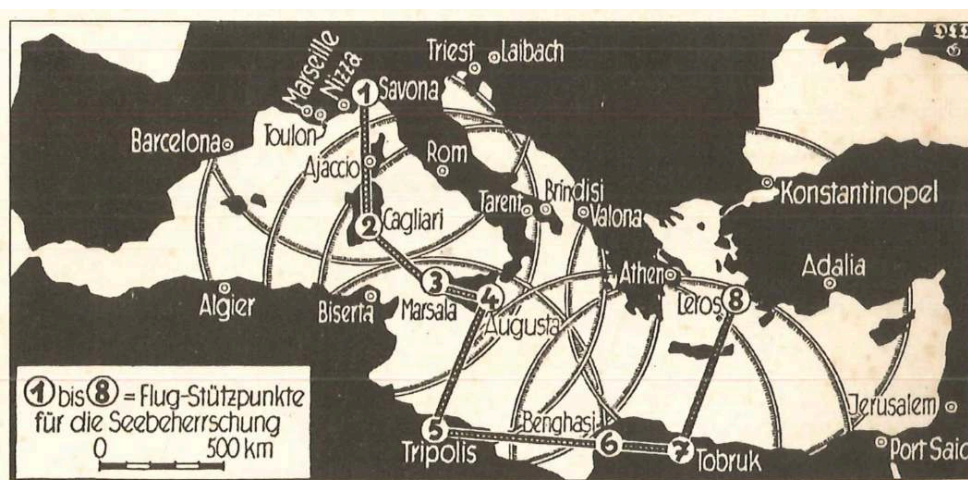
Figura 1. O Cerco da Alemanha pela Grande e Pequena Entente, 1925



Fonte: Raffestin et al. (1995: 246)

- 11 As cartas geopolíticas conjugavam sempre uma preocupação com o futuro, ou seja, ensejavam um valor estratégico para a ação defensiva-ofensiva do Estado ou região enfocados. O binômio amigo-inimigo, bem analisado em 1932 por Carl Schmitt, estava ali bem representado, como se nota a partir das figuras seguintes (Figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7).

Figura 2. A Itália e a Bacia Mediterrânea, 1929



Fonte: Raffestin et al. (1995: 251)



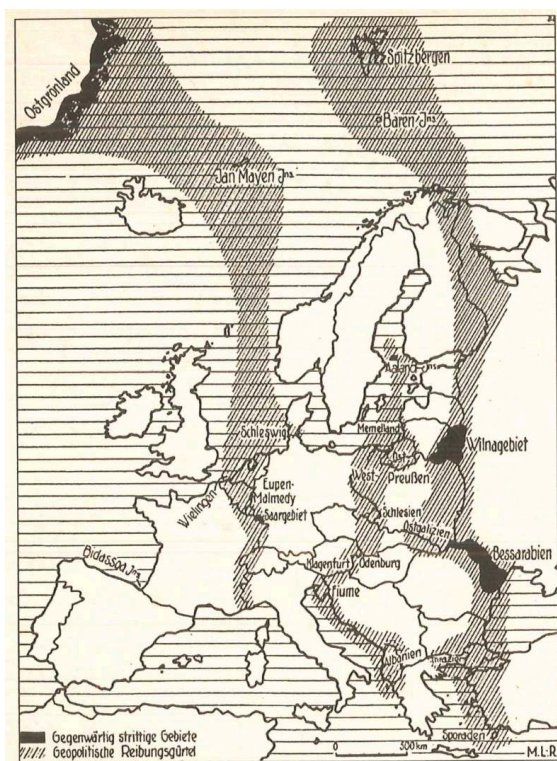


**Figura 5. Campanha no Norte da França e em Flandres, 1940**



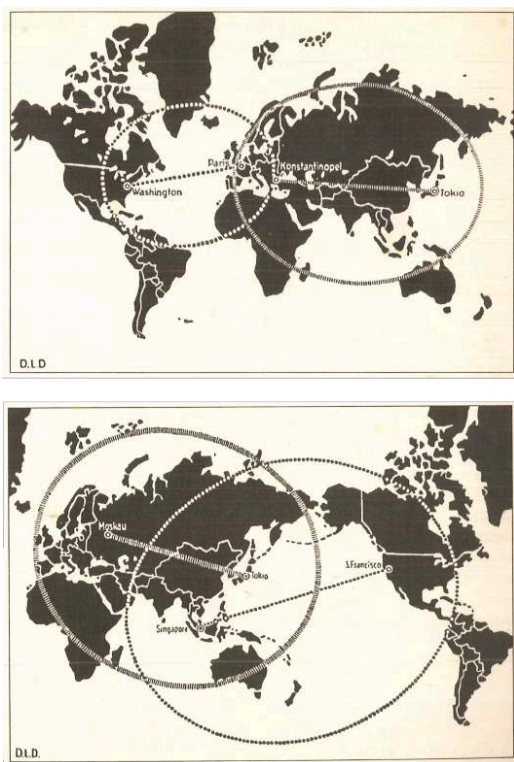
Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 253)

**Figura 6. Três Grandes Zonas Longitudinais em Fricção, 1929**



Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 254)

Figura 7. Riscos de Ataques, s/d

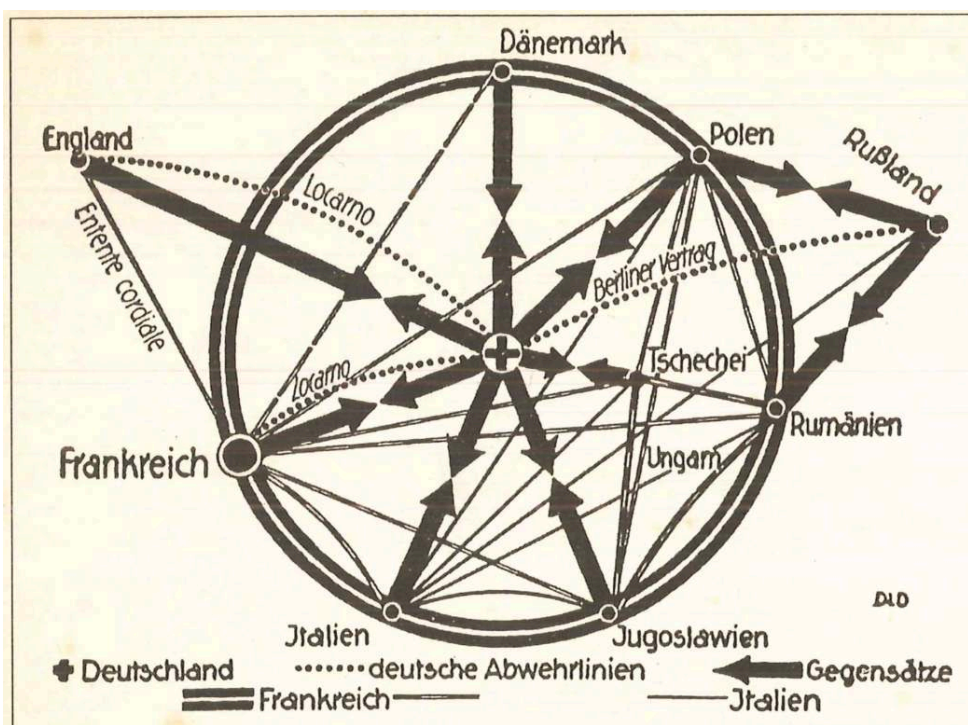


Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 257)

- 12 A suposição de qualquer um poderia se tornar inimigo e, por conseguinte, ser atacado militarmente era uma constante nessa estética cartográfica. Segundo Raffestin *et al.* (1995), por outro lado, a cartografia geopolítica alemã “tecnifica” o discurso, ou seja, o torna instrumental, operativo e eficaz, cujos efeitos eram, à época, bastante adequados à propaganda política oficial. Por fim, essa cartografia serviria de modelo para outras tantas. Então, surgem mapas com representações geométricas bem insinuadas, como os que se seguem (Figuras 8 e 9).

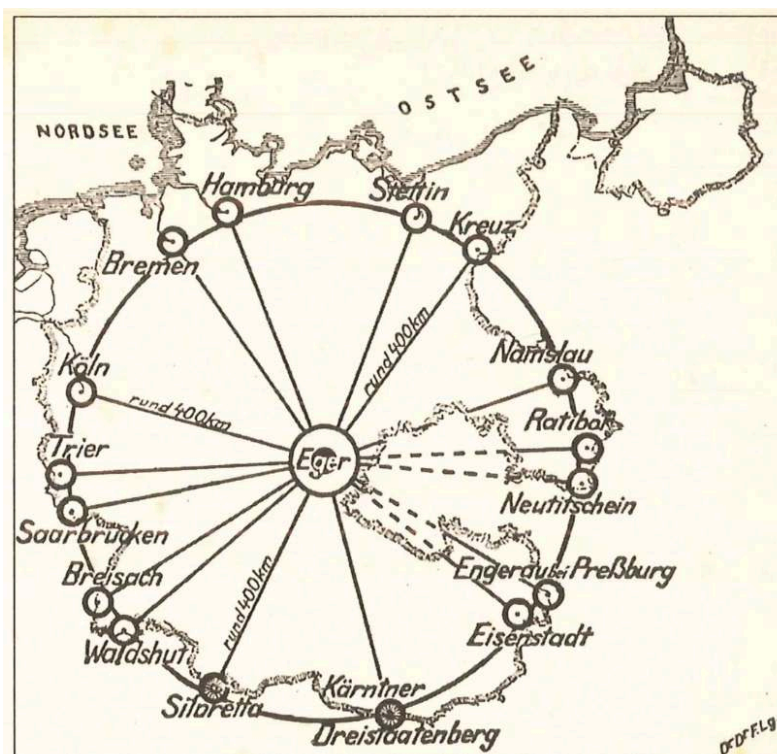


Figura 8. Sistema Francês: o Anel sobre a Falha em torno da Alemanha, 1927



Fonte: Raffestin et al. (1995: 258)

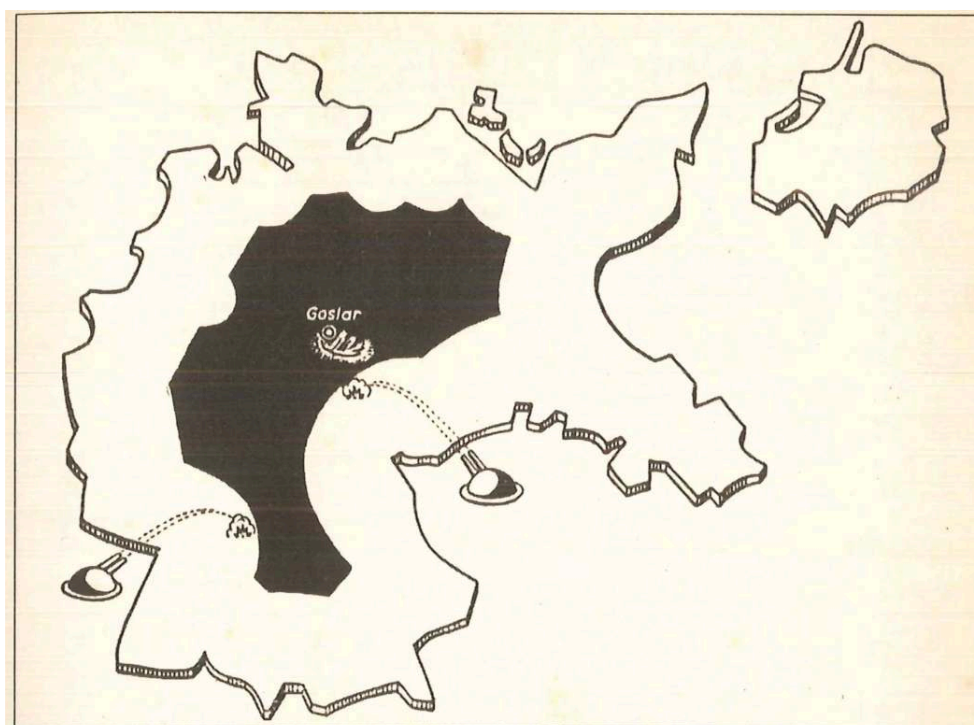
Figura 9. Centro do Império da Grande Alemanha, 1939



Fonte: Raffestin et al. (1995: 259)

- 13 A propaganda política é nitidamente presente na cartografia geopolítica que representa ansiedades relativas ao medo de ataques externos (Figura 10), bem como de supostas perdas do domínio da cultura germânica na Europa (Figuras 11 e 12). Trata-se de uma cartografia fartamente ilustrada por convenções dinâmicas, isto é, um dos aportes mais evidentes da cartografia geopolítica: os mapas dinâmicos. O uso de convenções como setas ou flechas – *Pfeilkarten* – torna-se uma constante, daí o “culto à flecha” pelo Ministério da Propaganda (Figuras 13 e 14).

Figura 10. Canhões Franceses e Tchecos, 1941



Fonte: Raffestin et al. (1995: 271)

Figura 11. Territórios Perdidos pelo Povo Alemão em torno da Áustria, 1938

Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 264)

Figura 12. Europa Reduzida ao Entorno de Paris, 1941

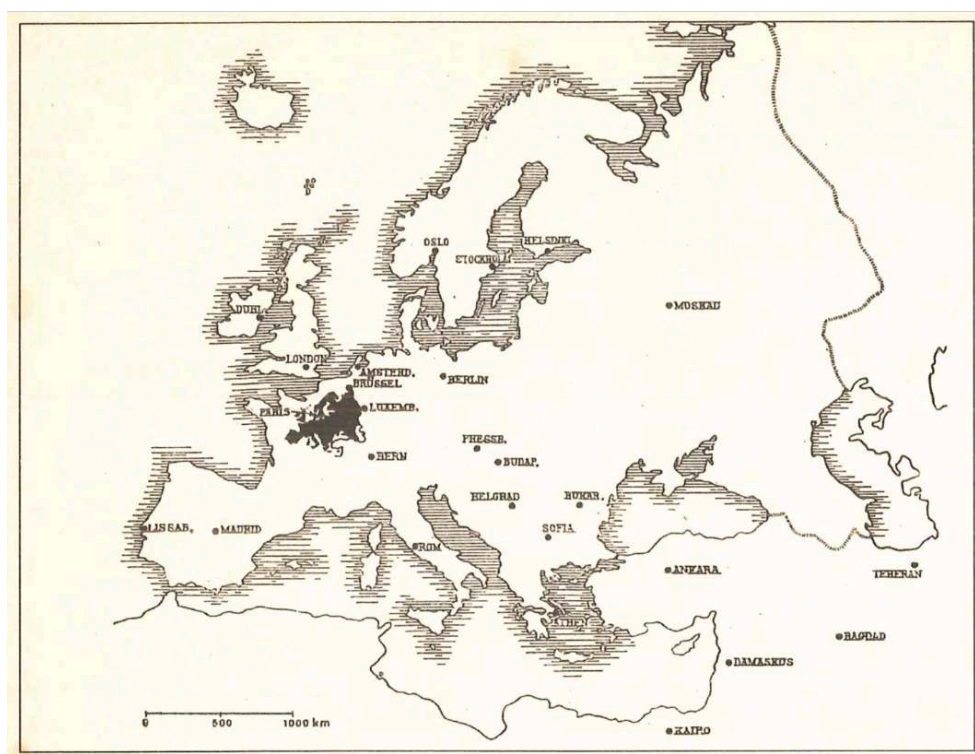
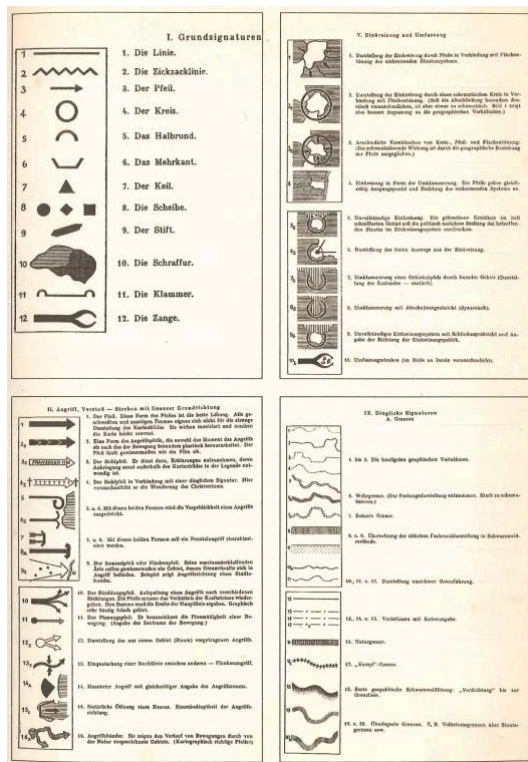
Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 272)

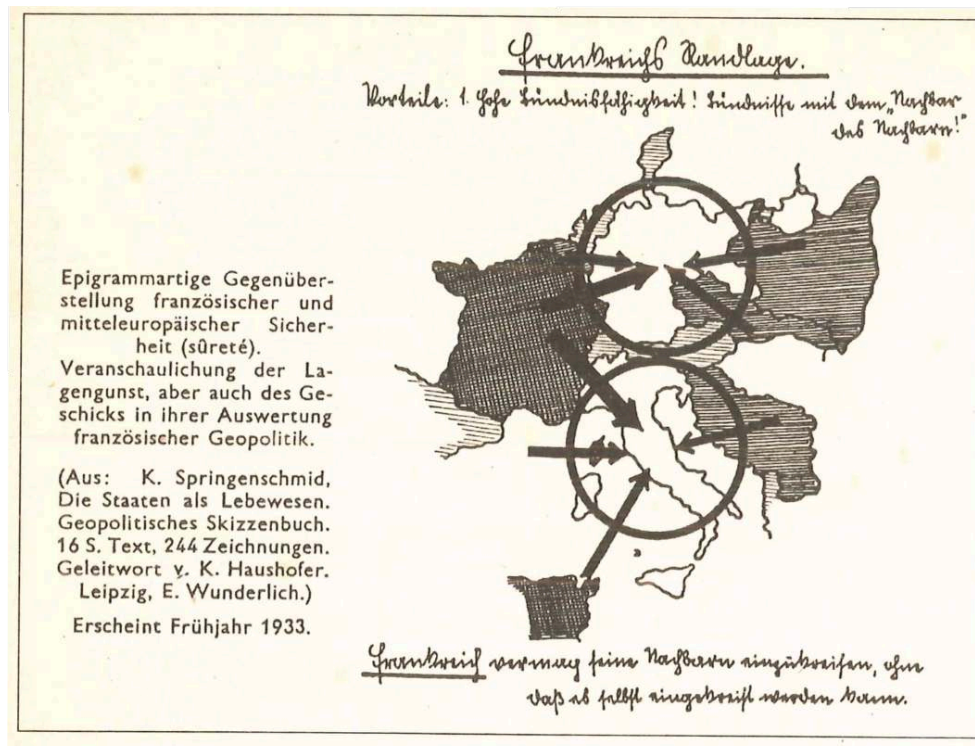


Figura 13. A Gramática de R. Von Schumacher, s/d



Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 275)

**Figura 14. Alemanha e Itália, 1933**

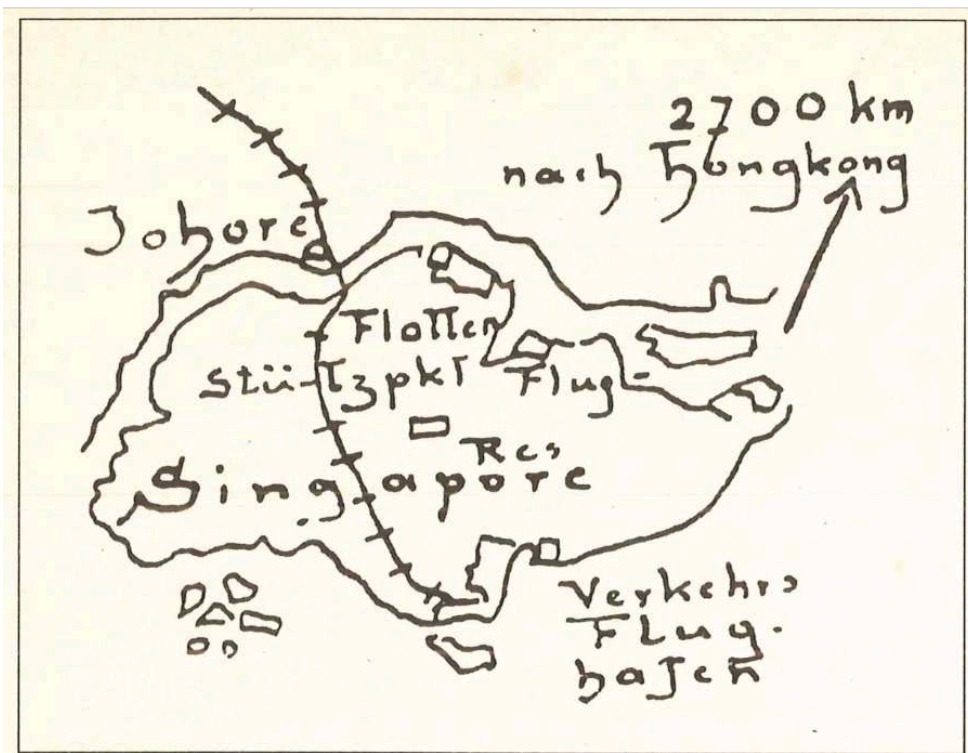


Fonte: Raffestin *et al.* (1995: 276)



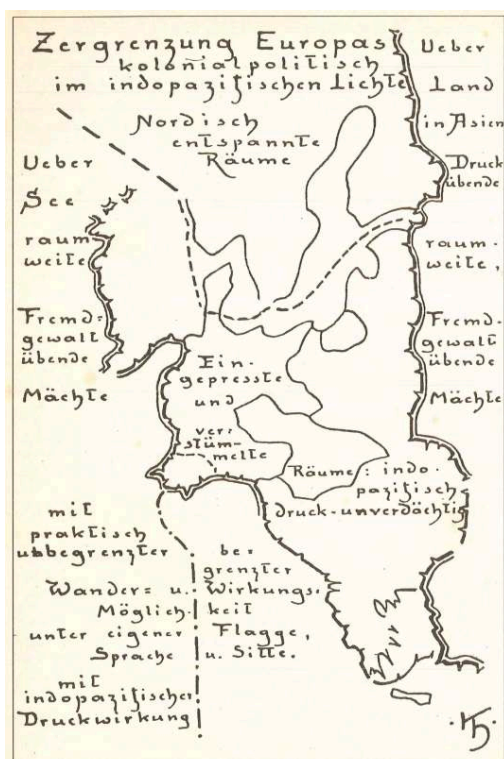
- 14 Haushofer tinha seu estilo próprio que, fidedignamente, corroborava com as diretrizes estéticas, éticas e políticas da cartografia geopolítica (Figuras 15 e 16). Decerto, seus mapas e/ou *croquis* apresentavam desenhos e figuras refinadas, talvez por influência da arte oriental e dos próprios ideogramas daquela escrita, como se pode observar na assinatura que o geógrafo-cartógrafo inventa, numa “combinação ideográfica” das letras K e H, como se nota no canto inferior direito da fig. 15. A preocupação com as precisões (distâncias, escala cartográfica, direções etc.) será uma marca das cartas confeccionadas por Haushofer (Figuras 17 e 18). Por fim, é possível observar um conjunto de convenções difundidas nas legendas da cartografia geopolítica que perdura até os dias presentes, revelando o rastro da arte e da ciência desse geógrafo-general-aristocrata bávaro.

Figura 15. Posição de Cingapura



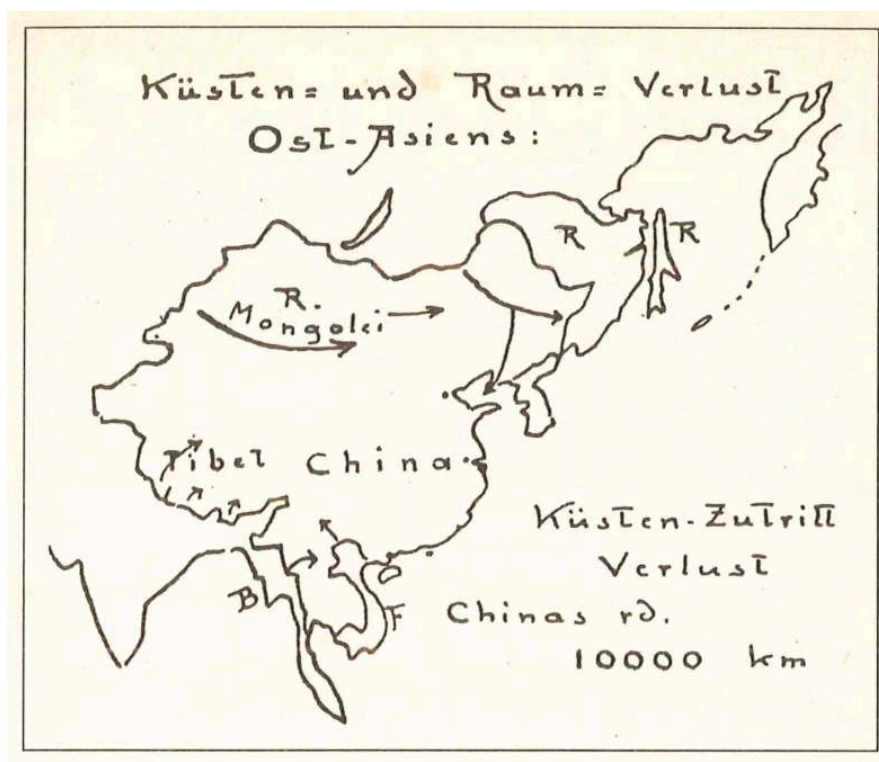
Fonte: Raffestin et al. (1995: 274)

Figura 16. Agressão – Fricção, s/d



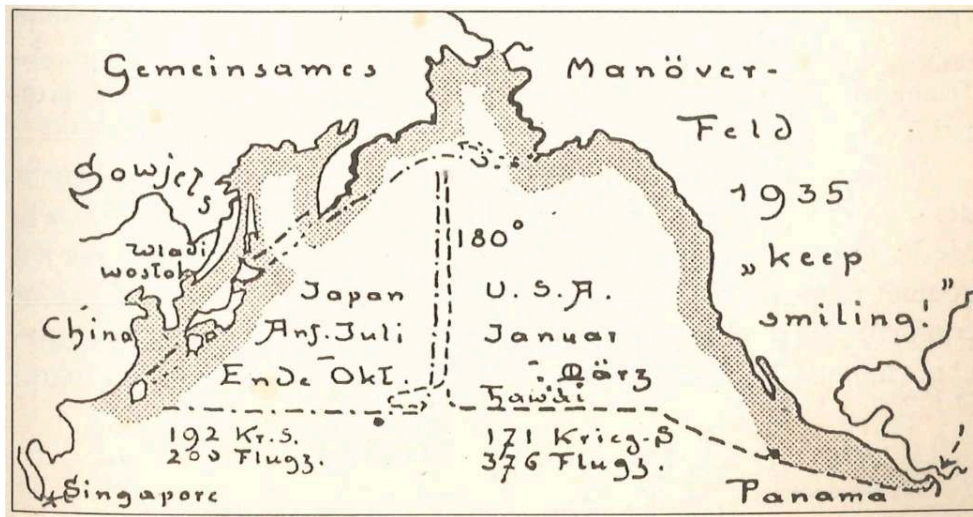
Fonte: Raffestin et al. (1995: 256)

Figura 17. China e Japão, s/d



Fonte: Raffestin et al. (1995: 273)

Figura 18. Enfrentamento Japão – Estados Unidos, 1935



Fonte: Raffestin et al. (1995: 273)

## Conclusões

- 15 1. Na cartografia geopolítica abordada, o mapa é uma imagem/instrumento de um discurso nacionalista explícito, sendo vetor operativo de uma propaganda política eficaz.
- 16 2. Nessa cartografia, cria-se uma estética para a unidimensionalidade do poder (Poder = Estado), cujo exercício é guiado pelo binômio amigo/inimigo.
- 17 3. Essa cartografia é expressão de um código geopolítico específico: a expansão territorial, que encerra o movimento territorial de um povo e de sua cultura, ativando, inclusive, a mobilidade das fronteiras.
- 18 4. A cartografia geopolítica investe nas variáveis visuais – retinianas – enfatizando fluxos em detrimento de fixos, preconizando a fácil percepção dos fenômenos representados nos mapas dinâmicos.
- 19 5. Tal cartografia comporta uma eficácia, sendo colaboradora de comportamentos sociais e morais, situando-se nos limites da ética e da estética, através da ansiedade cartográfica que veicula.
- 20 6. A cartografia geopolítica – contemporânea de fascismos – suscita aplicações retro e metatemporais, servindo de inspiração, ou seja, fundando uma representação modelizada.
- 21 7. Por fim, a cartografia geopolítica encerra uma operacionalidade político-ideológica flagrante ao servir como instrumento de propaganda para Estados ditatoriais.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Cosgrove, Denis (Ed.) (1999). *Mappings*. Londres: Reaktion.
- Cosgrove, Denis (2005). "Mapping/Cartography". In: Atkinson, David; Jackson, Peter; Sibley, David; Washnourne, Neil (Eds.). *Cultural Geography*. A critical dictionary of key concepts. Londres: I. B. Tauris.
- Harley, John (2001). *The New Nature of Maps*. Essays in the History of Cartography. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Heske, Henning (1994). "Haushofer, Karl". In: O'Loughlin, John (Ed.). *Dictionary of Geopolitics*. Londres: Greenwood.
- Holdar, Sven (1994). "Geopolitik – origins". In: O'Loughlin, John. (Ed.) *Dictionary of Geopolitics*. Londres: Greenwood.
- López Trigal, Lorenzo (2013). *Diccionario de Geografía Política y Geopolítica*. León: Universidade de León.
- Louis, Florian (2014). *Les Grands Théoriciens de la Géopolitique*. Paris: PUF.
- Pinder, David (2003). "Mapping Worlds, Cartography and the politics of representation". In: Ogborn, Miles; Blunt, Alison; Gruffudd, Pyrs; Pinder, David; May, Jon. (Eds.). *Cultural Geography in Practice*. Nova York: Edward Arnold.
- Raffestin, Claude; Lopreno, Dario; Pasteur, Yvan (1995). *Géopolitique et Histoire*. Paris: Payot.
- Rosenzvaig, Eduardo (2011). *La Maldición de los Haushofer*. Sevilla: Algaida.

## AUTOR

### IVALDO GONÇALVES DE LIMA

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.  
ivaldogeo@gmail.com